

O conflito no oriente médio finalmente chegou onde todos, no mundo ocidental, temiam. As duas grandes potências da região finalmente mostraram suas cartas. Irã e Arábia Saudita estão frente a frente e, qualquer movimento, a partir de agora, pode ser fatal. A questão que pode ser levantada é a seguinte: porque ocidente deve se preocupar com um possível enfrentamento entre Irã e Arábia Saudita?

A resposta a essa questão possui infinitas possibilidades, mas duas, no mínimo são centrais. São elas: a) é porque na verdade essa é uma guerra religiosa que, se iniciada, vai se espalhar por todo o mundo, seja ele ocidental ou não; e b) em segundo lugar, porque é nessa região que está o combustível que serve de base para a chamada “terceira revolução industrial”, o petróleo.

As guerras na região conhecida como Oriente Médio sempre envolveram questões religiosas, ou dito de outra forma: sempre envolveram questões de fé misturadas com questões de “poder” e dinheiro ou ouro, na antiguidade. Voltando no tempo, mas não muito, pode-se lembrar das Cruzadas. A primeira foi um pouco antes do século XII e já colocou em lados opostos os cristãos e os muçulmanos. Já naquela época várias eram as correntes tidas como cristãs e existiam bem consolidadas, as correntes sunitas e xiitas, pois se formara logo após a morte do profeta Maomé. Os sunitas acreditavam, e continuam acreditando, que a sucessão de Maomé deve ser uma escolha que respeite a “Suna” enquanto que os xiitas acreditam que a sucessão do profeta deve respeitar a descendência direta, e o escolhido deveria ser Ali, seu primo e genro. Ora, essa controvérsia dos anos 600 fez com que essas duas correntes lutassem e lutem até hoje, logo não é algo tão simples assim. Pode-se considerar, inclusive, que é uma questão mais complicada e complexa do que o enfrentamento entre judeus e palestinos, pois esse é um conflito com área de abrangência bem menor, tendo como ponto focal a cidade de Jerusalém. O conflito sunitas-xiitas, diferentemente, possui um cenário que pode ser considerado “mundial”, na medida em que todos os lugares do mundo, especialmente na Europa e na África, essas duas vertentes religiosas se enfrentam há muito tempo. Exemplificando: nos países africanos, inclusive aqueles mais do sul do continente, tais como Moçambique e África do Sul, a cultura “tribal” misturada com as doutrinas muçulmanas criou complexas relações potencialmente explosivas, que dificilmente um ocidental acostumado a pensar em termos de Estado-Nação consegue entender. Em várias micro regiões africanas a motivação religiosa sunita-xiita potencializa os conflitos tribais gerando guerras locais de baixa intensidade, mas de grande efetividade religiosa. Ora, dito isso, tem-se que o conflito religioso sunitas-xiitas é mundial e extremamente complexo, principalmente na África.

A segunda questão é o petróleo. Tanto o clérigo maior, o aiatolá iraniano Ali Khamenei, como o rei Salman, da Arábia Saudita, precisam do dinheiro do petróleo, petrodólares, para conseguir controlar suas populações. O aiatolá usa o petróleo como ferramenta para garantir sua legitimidade de cunho religioso e fazer com que os iranianos acreditem no maior dos seus clérigos. O rei saudista, por outro lado, distribui renda e serviços entre seus súditos de tal forma que sua condição de rei e representante oficial de Maomé não seja discutida. O petróleo, no entanto, ao longo dos últimos anos tem caído sistematicamente, gerando dessa forma, uma redução substancial dos petrodólares. Uma redução que pode e tem posto em choque a situação de equilíbrio político-religioso interno, tanto no Irã como na Arábia Saudita. Sabe-se, também, que quando os conflitos internos assumem proporções muito grandes, uma das soluções é encontrar um “inimigo externo” para forçar a união interna. No presente caso o “inimigo externo” está historicamente determinado desde os anos 600 e está do outro lado do

golfo pérsico. É, para os dois lados, uma grande tentação o início do conflito para reequilibrar as questões internas. O grande problema do conflito Irã-Arábia Saudita é sua dimensão. Se a tensão aumentar e o conflito estourar o mundo conhecerá, seguramente, a terceira guerra mundial. E mais: será pior do que as anteriores em função do cunho religioso que a sustentará!

Outra questão: e a Síria e o Estado Islâmico? Bem, esses podem ser considerados pequenos ensaios da possível grande guerra, da mesma forma que a Guerra Civil Espanhola foi uma preparação para a Segunda Guerra Mundial. Foi lá e seguramente está sendo aqui, na Síria, que os diferentes e futuros atores da grande guerra testam tanto suas armas como seus prestígios e convicções. Dito isso, tem-se que o Ocidente precisa “ajudar”, de forma ativa e persistente, para que se evite chegar em uma situação real de enfrentamento bélico de cunho religioso entre sunitas e xiitas.

Enquanto isso, no Brasil, a gandaia continua: o Cunha descobrindo a mágica das aplicações financeiras e “tendo sorte” como ninguém (nem Maomé conseguiria fazer aplicações financeiras com lucratividade maior!) e o pequeno Lula, ou Lula-filho, ou Luiz Cláudio se tornando o homem mais rico do Brasil e seu pai, o Lula-pai, tentando convencer o mundo que seu amado rebento é um “grande empresário” que teve a competência de, a partir de um carguinho de funcionário de zoológico, se transformou, em 15 anos, no homem mais rico do Brasil! Nem o Senhor dos judeus que secou o mar para seu povo passar teria tanta competência operacional! O Cunha e o Lula, aqui, conseguem fazer coisas que até o aiatolá iraniano e o rei saudista teriam inveja: conseguem explicar o inexplicável e dominar seus súditos com poucas, falsas e doces palavras. E não precisam nem do Alcorão! ... que Alá nos proteja!